



VI *Semana da*
FACED
2024



SILENCIAMENTO VOCAL EM COROS ESCOLARES MINEIROS

Débora Andrade

Universidade Federal de São João del-Rei

Marcus Vinícius Medeiros Pereira

Universidade Federal de Juiz de Fora

Palavras-chave: seleção vocal; coral infantil; Educação Básica.

Introdução

Esse trabalho é um recorte de uma tese de Doutorado que investigou práticas e de crenças de professores de Música, que trabalham com corais infantis, na Educação Básica. Destarte, nos limites desse resumo expandido, apresentaremos a seleção vocal como uma ferramenta de exclusão e de silenciamento de alunos, amparada na crença do talento inato ou no desconhecimento docente sobre fenômeno da desafinação vocal e justificada pela necessidade da garantia da excelência artística, podendo “fomentar a ideia de ‘elitismo’ musical, numa idade quando justamente o oposto deveria acontecer”¹ (PHILLIPS, 2014, p.18, tradução nossa).

Embora o fenômeno da desafinação vocal seja pouco compreendido, várias referências da pedagogia coral, como a "Medida e Avaliação do Desenvolvimento da Voz Cantada da Criança" (RUTKOWSKI, 1990), "O Modelo de Desenvolvimento de Afinação Vocal Infantil" (WELCH, 2002, 1986) e as "Fases do Desenvolvimento da Voz Cantada de alunos em Idade Primária" (VAILLANCOURT, 2012) compreendem a desafinação como uma etapa natural do desenvolvimento músico-vocal de crianças e de adolescentes, a ser superada por meio de estratégias de intervenção pedagógica e de imersão no processo de vivência musical.

Dentre os possíveis impactos negativos da prática de seleção vocal, explícita ou tácita, na vida dos alunos, está o seu distanciamento da prática musical, por

¹ is it may tend to foster the ideia of musical ‘elitism’ at an age when just the opposite should be occurring.



VI Semana da FACED 2024



acolher o veredito, emitido por uma “autoridade” da área musical, sobre sua suposta incapacidade inata para a expressão vocal cantada. Em outras palavras, trata-se de uma violência simbólica, uma “coerção que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (...), [uma] forma incorporada da estrutura da relação de dominação (BOURDIEU, 1998b, p.206).

Para Sobreira (2016), rotular uma criança como “desafinada” pode ser o gatilho responsável pelo início de uma incapacidade que se arrastará por toda uma vida, por desenvolver traumas e lembranças dolorosas a respeito de suas habilidades musicais.

Entretanto, a pesquisa realizada por nós desvela variadas estratégias de silenciamento de alunos em coros escolares, desde o advento do Canto Orfeônico. Os dados teóricos declinados na sessão seguinte foram acessados, principalmente, na Revista do Ensino, criada em 1925, pela Diretoria da Instrução do Governo de Minas Gerais, como uma estratégia de formar professores e de conformar o campo pedagógico (OLIVEIRA, 2004). Por sua vez, os dados empíricos foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o parecer de número 5.376.288.

Para proteger a identidade dos dez professores entrevistados por nós, foram-lhe atribuídos nomes de constelações – uma analogia feita pela relação entre constelações/estrelas e habitus/disposições.

Desenvolvimento

Partindo de uma observação do cenário histórico do coro escolar, desde o advento do Orfeônico, a seleção vocal se revela uma estratégia legitimada, ao longo da história. Artigos publicados na Revista do Ensino, entre 1925 e 1961, mostram que a crença no talento inato integrava a *doxa*² docente e, de certa forma, determinava o papel que diferentes alunos exerceriam no coro escolar.

Nessa revista, referiam-se aos alunos que se encontravam em diferentes estágios de desenvolvimento musical como sendo afinados ou desafinados (FERRARA, 1947, n.184, p.49), os de boa voz ou “os demais” (FONSECA, 1961, p.

² Um conjunto naturalizado de crenças, em um campo.



VI Semana da FACED 2024



11) e os “elementos bons” ou os “elementos negativos” (VASCONCELLOS, 1926b, p. 324). Nesse contexto, os “afinados” cantavam, enquanto os demais apenas escutavam.

Eutrópio (1925a, 1925b) orientava os professores a identificar um grupo de alunos, de várias séries, que possuíssem “melhor voz e aptidão para música”, com fins a formar um grupo autônomo de cantores – de outro modo, grupo seletivo. Cinco décadas depois, o coro escolar é definido como “um agrupamento de alunos escolhidos por seu bom timbre vocal e excelente entoação para atuar em atos escolares, comemorações cívicas e sociais da comunidade” (MÁRSICO, 1979, p.43).

Na ocasião das entrevistas realizadas por nós, em diferentes graus, identificamos uma propensão à seletividade tanto nas práticas quanto no discurso, dos professores que atuam em coros escolares mineiros. Dos dez professores entrevistados, sete (Orion, Apus, Cygnus, Lyra, Aquila, Leo e Chamaeleon) declaram não praticar, atualmente, qualquer tipo de seleção explícita para o ingresso de crianças em seus coros escolares. Desses sete, duas entrevistadas (Lyra e Chamaeleon) afirmam ter abandonado a prática da seleção, em algum momento da sua trajetória docente. Apenas uma professora (Apus), eventualmente, seleciona crianças, somente para performances públicas. Dos demais, uma entrevistada (Phoenix) optou pelo sorteio anual dos nomes de alunos interessados na atividade e apenas duas (Carina e Triangulum) declaram praticar a seleção vocal, para a composição de seus grupos.

As entrevistadas que assumem praticar a seleção vocal explícita afirmam: “Fiquei mais ou menos, (...) o primeiro mês fazendo a seleção. (...) eu ficava a aula inteira (...) de sete às onze ouvindo as crianças” (Carina); “Escutamos um por um desses duzentos. (...) É, escrevíamos, né, quem, quem eram as crianças, (...) seguíamos assim uma tabelinha” (Lyra).

Essa seleção explícita foi amparada pelo desejo de se obter excelência musical, pela inabilidade docente na condução da criança em estágio inicial de desenvolvimento músico-vocal e pelo conflito que se impõe entre a logística que a



VI Semana da FACED 2024



atividade demanda e a limitação de espaço físico e de carga horária disponibilizados pela escola.

Nesse contexto, afirma Carina: “eu deixei quem quisesse, né, participar. Mas (...) todo mundo queria participar! (...) Aí eu tive, TIVE que selecionar!”. Assim, a seleção resulta das pressões da estrutura física do campo, o que significa que o meio acaba ativando disposições relacionadas à seleção.

Por priorizar a excelência musical, outras duas relatam: “E começou com esse projeto, também, (...) de um coro *top*! De sair pra todo o lado! (...) Com muita dor no coração, a gente tinha que selecionar cinquenta, vamos dizer” (Lyra);

(...) se eu quisesse um resultado, eu tinha que selecionar mesmo por aptidão. Né? Porque eles [escola] querem ver resultado. Apresentação, né! O negócio é apresentação! “Vamos apresentar aqui, ali, lá, aquele tanto de coisa. Então, eu tive que produzir. Eu não podia pegar só quem queria! (...) realmente, eu tinha que pegar algumas pérolas lá pra poder dar um apoio! Pra o coro ficar legal!” (Carina)

Há o caso, também, em que a seleção explícita não é praticada durante o processo de ingresso de alunos no coro, mas para a participação nas performances públicas. Segundo Apus, quando solicitada para uma apresentação pública inesperada, recorre à seleção momentânea de crianças que já possuem vivência de canto fora do contexto escolar e, conseqüentemente, uma maior maturidade músico-vocal. Ela afirma: “quando é uma coisa muito de urgência, é, principalmente as crianças, às vezes, que canta na igreja, a escola pega, assim, e aí eu tenho que separar um grupinho de seis, assim, pra apresentação rápida, né” (Apus).

Algumas vezes, a seleção não é explícita, mas tácita, sobretudo, nas performances públicas, quando algumas são praticamente camufladas. A exemplos, apresentamos os seguintes trechos de entrevista:

E menino não sabia cantar nada, mas (...) punha o menino no palco. Né? Podia não ligar o microfone dele!”. Mas ele tava lá! Sabe? (...) Tinha aqueles que não batia nada com nada. Mas, é, a gente faz o que dá. Tipo assim, (...) punha em alguns lugares estratégicos, punha afastadinho ou próximo de alguém que era melhor (Aquila).

(...) muitas vezes, a gente deixa embaçado, ali, no meio. A gente não tira! A gente não tira! A gente não é da exclusão! Mesmo! (...) se tá com o microfone perto, a gente dá um jeito de tirar um pouquinho de



VI Semana da FACED 2024



perto do microfone. Essas coisas assim que, que tem que fazer, não tem como! Tá? (Lyra).

Esse silenciamento tácito das crianças nas performances públicas parece um pacto, não necessariamente consciente, entre os agentes do campo coral infantil escolar: um acordo coletivo, naturalizado e não questionado, em favor de uma excelência artística que, em alguns casos, pode se sobrepor ao respeito às pessoas, bem como à igualdade de acesso à educação.

E mesmo não se concretizando enquanto prática, a seleção se manifesta enquanto desejo. Orion, por exemplo, declara não realizar qualquer tipo de seleção de alunos para compor seus coros escolares. Entretanto, agradece a seleção feita pelo acaso, quando afirma que se sente aliviado, ao perceber que a maioria das crianças “desafinadas” não comparecem às apresentações públicas. Ele afirma: “E acontece de a maioria que é nesse sentido [crianças que não afinam], eu tive - não sei se eu posso dizer - a sorte de não ir na apresentação” (Orion).

Independentemente do tipo de seleção vocal adotada pelos professores de música, nos coros escolares brasileiros, a crença no talento inato explica, em parte, a naturalização e a reprodução dessa prática. Assim como pode ser observada no discurso de Carina, outrora citado, tal crença também se evidencia na fala de Aquilla, quando ela afirma: “É uma cidade onde eu encontrei muito talento musical! Sabe assim? Parece que todo mundo gosta de cantar, todo mundo tem um pezinho na Música?”.

Para além das entrevistas, a crença no talento inato já se evidenciava nos registros históricos. Fonseca (1961), por exemplo, afirmou que os dons das crianças começam a se revelar aos 10 anos de idade. Por sua vez, Vasconcellos (1926a) disse:

o talento natural, as organizações privilegiadas, as verdadeiras vocações musicais, estas, como bem as classifica um grande compositor, são pedras preciosas, raras, é verdade, mas que existem. (...) Pelo canto, a professora, com um pouco de atenção, distinguirá facilmente, nas suas classes, a verdadeira aptidão artística. É o aluno de boa afinação, de voz agradável, aquele que retém facilmente a melodia, que é mais sensível ao ritmo... Esse é o músico de *nascença*... como não é músico completo quem quer, mas quem possui o dom, para esse serão abertas as portas do nosso



VI Semana da FACED 2024



Conservatorio, que o encaminhará para os grandes destinos da arte (VASCONCELLOS, 1926a, p.131).

Considerações finais

Idealmente, a escola deveria ser o lugar de democratização do conhecimento. Ao contrário disso, o silenciamento vocal de alunos tem atravessado a história dos coros escolares. A compreensão de Bourdieu (2009) de que o passado opera, torna-se passado operante, funcionando como capital acumulado, produzindo história a partir da história, explica como a tradição pode se perpetuar na inovação, fazendo com o que qualquer tipo de reforma educacional proposta, durante os processos de mudança histórica, torne-se cosmética e periférica.

No ensino de canto coral infantil, isso se releva quando, a partir da supressão da prática de seleção vocal explícita, ela se apresenta com outra vestimenta, permanecendo na mudança, disfarçada de inclusão, escondida nos pequenos gestos ou orientações pedagógicas.

Conforme foi mencionado na introdução, o fenômeno da desafinação vocal em crianças tem sido explicado por variadas teorias de desenvolvimento músico-vocal, apresentando a possibilidade de que ele seja superado por meio de intervenções pedagógicas. Portanto, para que esse tipo de silenciamento seja mitigado, em coros escolares, é importante que esse conhecimento ocupe espaço no currículo das licenciaturas em Música, com o objetivo de se formar um olhar pedagógico para o campo.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. Violência simbólica e lutas políticas. In: *Meditações Pascalianas*. Cidade: Editora Celta, 1998b {1997}, p. 145 - 161.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

EUTRÓPIO, José. Do Canto nas Escolas (continuação). *Revista do Ensino*. Organ Oficial da Directoria da Instrução, Belo Horizonte, v.1, n.3, p. 68 - 69, mai. 1925a.

EUTRÓPIO, José. Do Canto nas Escolas (continuação). *Revista do Ensino*. Organ Oficial da Directoria da Instrução, Belo Horizonte, v.1, n.4, p. 102 - 103, jun. 1925b.



VI Semana da FACED 2024



FERRARA, Maria Amorim. Técnica Orfeônica. *Revista do Ensino*. Orgam Oficial da Directoria da Instrução, Belo Horizonte, Anno XV, n. 184, p.46-73, jan./mar.1947.
FONSECA, Hilda S. Soares. Orientação Musical de acordo com o Desenvolvimento Psíquico da Criança em Idade Escolar. *Revista do Ensino*. Orgam Oficial da Directoria da Instrução, Belo Horizonte, v.30, n. 210, p.103 - 113, dez. 1961.

MÁRSICO, Leda Osório. Coro escolar. In: MÁRSICO, L.O. *A voz infantil e o desenvolvimento músico-vocal*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979.

OLIVEIRA, F. C. e S. de. *O canto civilizador: música como disciplina escolar nos ensinos primário e normal de Minas Gerais durante as primeiras décadas do século XX*. 2004. 227f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social – História da Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/FAEC-85NQDX>>. Acesso: 18 abr. 2020.

PHILLIPS, K. H. *Teaching Kids to Sing*. 2ed. Boston: Schirmer Centage Learning, 2014.

RUTKOWSKI, J. The Measurement and Evaluation of Children's Singing Voice Development. *The Quarterly*, vol. 1, n. 1 & 2, 1990, p. 81 – 93. Disponível em: <<http://www-usr.rider.edu/~vrme/v16n1/visions/spring10>>. Acesso: 28 jul. 2021.

SOBREIRA, Silvia. Desafinação vocal: compreendendo o fenômeno. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 24, n.36, p.130 - 146 - jan. - jun. 2016.

VALLAINCOURT, Josée. Le developpment de la voix chantée chez l'enfant et la formation des enseignants de musique : un lien manifeste. In: *La voix et l'éducation musicale: Contribution à la réflexion et à l'action pédagogique (II)*. Org. Pascal Terrien et Jen-Luc Leroy. Paris : L'Harmattan, 2012.

VASCONCELLOS, Branca de Carvalho. O canto nas escolas. O canto por audição: suas vantagens. *Revista do Ensino*. Orgam Oficial da Directoria da Instrução, Belo Horizonte, v.2, n.13, p.130 - 133, abr. 1926a.

VASCONCELLOS, Branca de Carvalho. O canto nas escolas. A Voz. *Revista do Ensino*. Orgam Oficial da Directoria da Instrução, Belo Horizonte, v.2, n.16 - 17, p.322 - 326, jul./ago. 1926b.

WELCH. G. F. Early Childhood Musical Development. *Research Studies in Music Education*, 11 (1), Aug. 2002, p.113 – 128.

WELCH. G. F. A Developmental View of Children's Singing. *British Journal of Music Education*, v.3, n.3, November 1986, p. 295 – 303.